



CHACAL

“o resto é verso”

Chacal é um dinamo, eterno movimento. Sua façanha mais recente foi organizar seus versos em *Tudo (e mais um pouco), poesia reunida (1971-2016)*, segunda relevante antologia de seus livros publicados.

“É uma edição de bolso, caprichada, acessível aos amantes e estudantes de poesia. É pra carregar na mochila”, me contou o poeta em Paraty, durante a última edição da Flip, em homenagem a Ana Cristina Cesar, quando ele se dividiu entre mesas de debate e saraus.

A primeira antologia de seus livros, *Belvedere – poesia reunida*, foi produzida em edição de luxo pela Cosac Naify, em 2007. Nela, encontram-se os seguintes livros: *Muito prazer, Ricardo* (1971), *Preço da passagem* (1972), *América* (1975), *Quampérios* (1977), *Olhos vermelhos* (1979), *Nariz aniz* (1979), *Boca roxa* (1979), *Drops de abril* (1983), *Comício de tudo* (1986), *Letra elétrica* (1994), *A vida é curta pra ser pequena* (2002) e *Belvedere* (2007).

Na nova seleta, encontram-se esses livros, além de *Murundum* (2012), o “épico-esquizofrênico” *Seu Madrugá e eu* (2015) e também seu mais recente livro de poemas, *Alô poeta*. Neste, Chacal preserva sua forte oralidade e musicalidade, ao transformar muitos versos em diálogos remixados com jovens poetas, aos quais apresenta, como exigência primeira, “escrever bem”.

Alô poeta (9)

primeiro escreve bem

depois vai procurar sua turma

faz um zine
inventa uma banda
cria um sarau
mas antes, escreve, escreve
e fala bem, porra

A antologia recém-lançada traz ainda trechos do livro de memórias *Uma história à margem* (2010), em que o poeta fez uma revisão biográfica, registrando desde a convivência com artistas no Circo Voador até a criação, em 1990, do CEP 20.000 – o Centro de Experimentação Poética –, que permanece como referência para poetas e artistas em termos de exercício da performance com a palavra.

Abaixo, o leitor encontrará flashes dessa rica trajetória, estimulados a vir à tona por perguntas que André Vinícius Pessôa, Eduardo Tornaghi, Rosa Amanda Strausz, Victoria Saramago e eu elaboramos. A cada resposta, Chacal oferece uma pista para a compreensão de sua pulsante poética.

Ramon Nunes Mello*

* Mestrando em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

André Vinícius Pessôa – *Meu primeiro contato com sua poesia foi nos anos 80, com os versos de “Desabutino”, do livro Drops de abril, musicados na época por Péricles Barros, hoje roteirista de TV, irmão de Maurício Barros, tecladista do Barão Vermelho. Isso me fez, desde sempre, associar seu nome à música, especialmente à fértil prosódia do rock brasileiro. Seus poemas têm um ritmo muito peculiar e pessoal, por certo desenvolvido em suas apresentações ao vivo. Seus versos foram musicados por artistas como Moraes Moreira, Jards Macalé, Evandro Mesquita e Pedro Luís, entre outros. A partir desses fatos, uma pergunta se faz: como você vê a relação da palavra com a música na composição de um poema?*

Chacal – palavra é música. fala é canto. quando falo palavra é a palavra falada. palavra escrita é uma notação, uma partitura. a palavra falada é autossuficiente. não carece de música. ao vivo, também é dança, é cena. me dá uma palavra e eu movo o mundo.

André Vinícius Pessôa – *Você há muito realiza oficinas de poesia que recebem desde poetas “formados” até iniciantes na arte de fazer versos. Há uma clara intenção sua em unir cultura e educação através da poesia, manifestada no CEP 20.000 e em sua peregrinação por diversas cidades brasileiras. No livro Uma história à margem você menciona a influência decisiva que recebeu da proposta educacional realizada por Henriette Amado no Colégio André Mourois, que parte do lema “liberdade com responsabilidade”. Pensando numa contribuição para as novas gerações, face aos atuais impasses do sistema educacional no Brasil, você vislumbraria uma educação que levasse em conta o poético?*

Chacal – se o poético for o político, sim. o poético pode desenvolver a expressão verbal da pessoa, dando mais harmonia, ritmo e

ampliando o repertório verbal, abrindo a potência de comunicação. mas isso terá valor num lugar onde todos tenham oportunidades, ao menos, semelhantes.

Eduardo Tornaghi – *Qual a maior diferença entre militar na poesia hoje e nos anos 70?*

Chacal – eduardo, meu chapa, em 70 tinha um inimigo visível a ser batido: a ditadura militar. Isso nos dava o gás necessário para se juntar e lutar. escrever, publicar e falar. hoje o inimigo é muito mais sutil. não tem cara. o inimigo tem um nome ambíguo: mercado, nos obriga a introjetar a censura e proíbe dissimuladamente qualquer experimentação. a luta hoje é mais difícil, mas já temos muitas bocas e ouvidos. avançamos.

Eduardo Tornaghi – *Gostaria que comentasse a relação entre escrever e produzir encontros.*

Chacal – no fundo, no fundo, é tudo um movimento só: escrever, falar, aprender, ensinar. resume-se no verbo “viver”. estar junto das novas gerações é sempre um alimento muito saboroso.

Ramon Nunes Mello – *Você integrou grupos emblemáticos como Asdrúbal Trouxe o Trombone e Nuvem Cigana. Qual a importância de se falar poesia, da poesia oral, nos dias de hoje?*

Chacal – nesse mundo digital, de muita informação e pouco encontro, a poesia falada, a performance, a cena, são cruciais. A vida, a luta, o sexo, se faz nas ruas, nas praças, nos bares, nos palcos.

Ramon Nunes Mello – *Autor de mais de quinze livros de poemas, entre os quais Drops de abril, Letra elétrica e A vida é curta pra ser pequena, em 2007 você lançou Belvedere – poesia reunida e, agora, Tudo (e mais um pouco), poesia reunida (1971-2016). Com que palavra você sintetizaria sua criação?*

Chacal – murundum.

Ramon Nunes Mello – *Como foi sua experiência de ver Allen Ginsberg em Londres, em 1973, num festival internacional de poesia?*

Chacal – mudou meu entendimento mais amplo de poesia e sua transmissão. o poema ganhou corpo e voz. levei pra vida.

Ramon Nunes Mello – *No livro de memórias Uma história à margem, você faz uma revisão biográfica até a criação do CEP 20.000. Como esse Centro de Experimentação Poética influencia sua produção?*

Chacal – me deixa em contato com o que acontece, me pluga na vida. o resto é verso.

Ramon Nunes Mello – *Qual a influência do CEP 20.000 hoje, 26 anos depois, na formação poética e política brasileira?*

Chacal – virou sinônimo de experimentação, transgressão, liberdade. de que a poesia não é um troço solene, sublime, acima da vida. um lugar que chama o maluco de sua excelência, a mulher, de alteza, o pafúncio, de camarada. 26 anos de renovação constante. minha tristeza é não existir um cep em

cada bairro do rio, em cada cidade do país. acho que as pessoas dão prioridade a seus projetos pessoais. vomito em cima delas, gentilmente.

Rosa Amanda Strausz – *O que você acha que mudou da geração mimeógrafo para a geração blog/rede social? Você vê influência dos meios na linguagem poética?*

Chacal – cada meio tem um mundo ao seu redor. o mimeógrafo foi o meio certo na hora urgente. e todos tinham muito que falar. havia luta e uma ditadura pra combater. hoje a ditadura toma outras formas. e a luta se espalha nas redes.

o meio digital permite uma forma mais intersemiótica, é uma riqueza de possibilidades. o gif o que é? um verso animado nervoso recorrente? podemos juntar vídeo, texto e música. as possibilidades são infinitas. mas o fundamental é ter o que dizer. senão temos apenas um showroom de linguagens.

Victoria Saramago – *Como você vê a passagem do mimeógrafo, com o cheiro de álcool e a tinta roxa, para o meio ascético e quase hospitalar que é o digital? Em sua opinião, essa mudança tem impacto na produção e recepção de poesia? Se sim, de que maneira?*

Chacal – cada meio, sua história, seu contexto. o mimeógrafo, a xerox, tem a urgência, o corpo a corpo, o manifesto, o comício relâmpago como ambiência. o digital, com potencial de comunicação muito mais amplo, se perde na “atrofia informacional”, no excesso, no ruído, na glossolalia contemporânea. cada meio com sua determinada situação.

Victoria Saramago – *Você acha a geração atual literariamente careta?*

Chacal – muita coisa já não entendo. e dou graças. cada poema é um mundo. no meu tempo, um mundo onde as pessoas dançavam e jantavam juntas em pé num balcão de uma empresa aérea. hoje os poemas ficaram mais importantes que as pessoas e as ocorrências. e começaram a conversar só entre si. fuck poema!